

ENTREVISTA
MARCUS JOAQUIM
MACIEL CARVALHO

Entrevista realizada em fevereiro de 2021 com o Historiador e Professor de História da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho, via e-mail. Foram entrevistadores os historiadores, Dr. José Maia Bezerra Neto, professor de História da UFPA, e Dra. Bárbara da Fonseca Palha, professora de História da SEDUC-PA.

INTRODUÇÃO À ENTREVISTA:

O Prof. Dr. Marcus Joaquim Maciel de Carvalho está entre os maiores e talentosos historiadores brasileiros da atualidade. Graduado em Direito (1980) pela UFPE, fez Mestrado em História na mesma Universidade, concluindo em 1986, apresentando a dissertação: “A Guerra do Moraes: A Luta dos Senhores de Engenho na Praieira” e Doutorado em História na University of Illinois at Urbana-Champaign, Estados Unidos, defendendo em 1989 a tese: “Hegemony and Rebellion in Pernambuco, 1821-1835”, com orientação do Professor Dr. Joseph Love. Nosso entrevistado é Professor Titular do Departamento de História e do programa de Pós-Graduação em História da UFPE na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Ainda é Sócio Efetivo do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano; Sócio Correspondente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Autor de “Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo, Recife 1822-1850” (primeira Edição em 1998, com duas reimpressões: em 2002 e 2008), livro consagrado na historiografia brasileira, bem como coautor, junto com os historiadores doutores João José Reis e Flávio dos Santos Gomes do livro: “O Alufá Rufino: Tráfico, Escravidão e Liberdade no Atlântico Negro (c.1822 - c. 1853)” (obra publicada em inglês em 2020, pela Oxford University Press, em Nova York-Estados Unidos, com o título: “The Story of Rufino: Slavery, Freedom and Islam in the Black Atlantic”), Marcus Carvalho tem se destacado pelos estudos e trabalhos no campo da História dos movimentos políticos e sociais na primeira metade do oitocentos, bem como sobre a escravidão e relações raciais. Sobre a sua trajetória e formação acadêmica, livros e pesquisas, fizemos essa entrevista, que bem vale uma aula pela riqueza do que é dito e ensinado, agradecendo ao Professor Marcus Carvalho a gentileza de dispor de seu tempo para responder nossas questões.

1. *Professor nos fale um pouco sobre sua formação acadêmica.*

Fiz graduação em Direito, muito pra satisfazer meu pai, que era médico, e confesso que me esforcei pra gostar, mas o que eu realmente gostava era de História, que meu pai também adorava. Quando terminei o curso de Direito, segui meu rumo.

2. *Sobre seu percurso de pesquisa você tem investigado e vem escrevendo sobre a escravidão, publicando um importante livro sobre escravidão urbana (no caso a obra “Liberdade”), embora não tenha sido este trabalho sua tese de doutoramento. Então, como foi esse encontro com a História da Escravidão? Como você escolhe seus temas?*

Meu livro Liberdade não é minha tese de Doutorado. Na realidade, escrevi muito sobre escravidão, mas o meu tema geral sempre foi a história social do chamado “Ciclo das Insurreições Liberais do Nordeste”, nome muito pouco adequado, mas consagrado por uma historiografia já antiga, sobre um conjunto de processo complexos, entre 1817 e 1848, que envolveram muita resistência popular, da qual resistência escrava é parte. Sou absolutamente fascinado pela história desse período e os processos políticos que levaram a vitória dos conservadores, derrotando as possibilidades de reformas que poderiam ter levado este país por trilhas mais interessantes. A história da resistência popular com que lido é parte desse tema mais amplo. Foi no Mestrado ainda que estacionei nesse período entre a Revolução de 1817 e o final da Praieira.

No Mestrado eu trabalhei com os senhores de engenho que se envolveram na Praieira (1848/49). Mas ali mesmo, eu me deparei com algumas questões vinculadas ao problema da escravidão. O primeiro foi o desconhecimento sobre o tráfico em Pernambuco naquela época, exceto por alguns dados gerais levantados e analisados por Peter Eisenberg. Mas não havia sequer textos acadêmicos identificando os grandes traficantes atuantes em Pernambuco. O segundo foi ter começado a observar o problema da resistência escrava, particularmente o episódio do Divino Mestre. Além disso, também me despertou a atenção a questão da participação popular na Praieira, ou seja, eu comecei a trabalhar com a elite e terminei com os trabalhadores livres, libertos e escravizados.

Fui pro Doutorado com mais dúvidas do que antes, pois a Praieira tinha raízes profundas na Independência. Comecei buscando entender melhor o predomínio de uma facção da elite imperial, os Cavalcantis, sobre a política provincial. Empreguei então o conceito gramsciano de hegemonia. Mas aí, novamente me deparei com a escravidão e a história social. Primeiro porque ficou claro para mim que a maior ameaça à ordem na época não era o federalismo, sequer os liberais radicais, mas o quilombo de Malunguinho do Catucá. Além disso, comecei com os Cavalcanti, mas foi a Cabanada, essa imensa rebelião de populações florestais entre Pernambuco e Alagoas, que terminou tomando a minha tese. Daí em diante, ficou difícil largar a História Social e a história do trabalho e dos trabalhadores.

Liberdade veio depois. Por conta dessas tantas dúvidas no Mestrado e Doutorado, resolvi escrever sobre resistência escrava, sobre o quilombo do Catucá, sobre o tráfico entre a Independência e 1850. Acho que faltava isso em Pernambuco naquele momento, pois a bibliografia sobre resistência escrava em Pernambuco ainda era escassa nos anos 1980 e 1990.

Acho que esse percurso, de uma coisa levando a outra, de uma maneira até meio irresponsável talvez, mostra que não acredito em resposta fácil e que gosto de seguir um pouco o percurso que a pesquisa me leva. Ou, seja, uma pergunta leva a outra, que leva a outra e assim por diante. A lógica da História é aditiva. O historiador formula perguntas sobre o passado. Sempre tenho questões iniciais e um corpus documental que pretendo investigar, mas, uma vez iniciada, a pesquisa para mim é uma aventura que pode me levar por caminhos que não planejei antes.

Nunca gostei dessa estória de ter uma hipótese qualquer e ficar só procurando evidências para provar o que já pensava desde o início. Gosto da dúvida. Gosto de não saber muito bem o que vou encontrar. Gosto de perguntas abertas que podem ir se desdobrando até quase o infinito, por isso estou sempre recomeçando. Eu posso mudar de tema, porque uma pergunta leva a outra, mas nunca acho que haja nada concluído, fechado. Por isso também, vez por outra retomo assuntos sobre os quais pensei anos atrás pela primeira vez. A vida do pesquisador é recomeçar sempre. Irresponsável? Sim. Mas é mais divertido uai!

3. *Como você vê hoje o estudo da história da Escravidão no Brasil?*

Este é um campo de estudo cada vez mais internacionalizado e articulado a outros campos do conhecimento. Todavia, se antes era preciso separar a temática dos demais assuntos históricos, para que o campo ficasse mais denso e abordasse problemas pontuais, atualmente está havendo alguns processos muito interessantes e até o inverso dessa compartimentalização.

Assim tem havido um retorno aos campos clássicos da história do trabalho, da história política, da História do Brasil colonial ou imperial, da história da resistência popular como um todo, etc. Por outro lado, continuam os caminhos por temporalidades e espaços específicos, o que também muito positivo. Enfim, acho que a historiografia avançou muito, inclusive deixando de lado o excesso de compartimentalização temática. Assim, por exemplo, quem trabalhava com quilombos, inicialmente, não costumava enxergar comunidades indígenas e as várias possibilidades de interação e vice-versa. Hoje em dia isso já não acontece. Acho que nenhum outro país nas Américas avançou tanto no estudo da escravidão como o Brasil. Se antes, a gente olhava para os EUA para aprender, hoje em dia qualquer historiador estadunidense que quiser entender melhor o problema da escravidão nas Américas vai ter que conhecer ao menos uma parte da historiografia brasileira, senão fica para trás.

4. *Algumas páginas em redes sociais costumam divulgar a “história que não foi ensinada na escola” como uma crítica, quando o assunto é história dos africanos e afrodescendentes no Brasil. O senhor concorda que a história ensinada falhou nesse sentido?*

Acho que os trabalhos acadêmicos demoram a chegar na escola, mas além disso e mais importante, primeiro, o Brasil é um país profundamente racista; segundo, o mercado editorial é dominado pelo grande capital e por agentes do estado vinculados a esse grande capital. Não existe interesse em mostrar os aspectos brutais e criminosos da construção do capitalismo neste país. A escravidão continua sendo um tema que incomoda, até mesmo porque seus efeitos são muito evidentes na contemporaneidade. Questioná-la é questionar não só o racismo, mas a exclusão, a miséria, a fome, o autoritarismo, a violência policial, etc.

5. *Quais trabalhos de pesquisa tem desenvolvido recentemente?*

Tenho trabalhado muito com o tráfico atlântico. O marco temporal é o mesmo de sempre: os anos entre 1817 e o começo dos anos 1850. Acho que precisamos entender melhor a história da riqueza neste país. De uma certa forma isso também é uma volta a minha raiz na História política, a história das camadas dominantes, que foi como comecei meu mestrado. Voltei até aos senhores de engenho, no caso aqueles que tinha terras no litoral e recepcionavam os navios negreiros. Eram sócios do negócio, senhores de engenho-trafficantes que se beneficiaram muito do tráfico e tiveram importante atuação política quase sempre vinculados ao partido conservador no império.

Apesar disso, não tem jeito, vira e mexe e lá estou eu trabalhando com trabalhadores, neste caso os trabalhadores do tráfico, ou as pessoas emparedadas nos porões.

6. *Como foi sua ida para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro?*

Eu fiz pesquisa lá várias vezes no Mestrado, Doutorado e depois, mas foi José Gabriel da Costa Pinto (um competente e generoso funcionário do Arquivo Nacional de quem me tornei amigo e ao qual devo muito), quem me apresentou ao Professor Arno Wehling e à CEPHAS. Quando vagou um lugar ocupado por um pernambucano, Arno teve a generosidade de me convidar. Foi em 2006.

7. *O senhor acompanhou o processo de regulamentação da profissão de historiador (a)? Como recebeu a notícia da aprovação?*

Achei positivo, mas tem um preço. O principal é que as profissões se dividiram. Cada um no seu quadrado. Agora um historiador não pode mais ocupar o lugar de um sociólogo, arquivista, etc, e vice-versa. Mas a tendência natural é esta especialização mesmo. A profissão, todavia, está sob ataque no Brasil, como aliás as artes e as ciências humanas e sociais como um todo. Nesse momento, a fragmentação dos docentes

em mil categorias e especialidades dificulta uma defesa comum da docência em todos os níveis. Os professores precisam se unir a artistas e intelectuais na luta contra o autoritarismo.

8. *O senhor acha que a história tem atualmente maior e melhor espaço na sociedade, fora da academia e dos bancos escolares?*

Não acho. A ignorância tem prevalecido. Falta mais Filosofia, Ética e Humanidades na formação das pessoas. O conhecimento histórico é perigoso, pois mostra que a construção de uma determinada estrutura de poder não foi feita com consenso, mas com exclusão e violência. Essa violência é, obviamente, ainda maior em países da periferia, como o Brasil. As humanidades são perigosas para os donos do poder. Sempre foram. Por isso estão sempre sob ataque das tendências autoritárias de governo. São muitos os mártires das Humanidades perseguidos e até mortos através dos tempos. Espero que não cheguemos a tanto novamente.

274

9. *Que conselhos você daria aos jovens historiadores?*

Estudar, ler muito. Nada substitui a perseverança e paciência ao estudar. Agora, o bom de estudar é que o conhecimento é cumulativo. Você nunca perde tempo aprendendo. E não tem hora, modo ou dia. Vale tudo. Mas tem um detalhe: leia principalmente historiadores profissionais, ou seja aqueles que passaram pelo crivo dos seus pares, pois defender um trabalho acadêmico, mandar um artigo para uma revista, apresentar um trabalho em um encontro, não são meras formalidades, mas maneiras de se submeter ao teste dos pares, ser desafiado e questionado. É esse profissional que você deve ler mais. Dilettantes cultos se enganam mais do que os profissionais e podem enganar mais também, pois não são testados. Seduzem pela escrita, pelo descompromisso, mas induzem muito o estudioso em erro.

10. *Agora, uma última pergunta: se você não fosse historiador, que profissão gostaria de ter?*

Não sei, mas gosto muito da sala de aula, da interação com gente jovem, do desafio que é, não somente estudar, mas ter que organizar as ideias para repassar. Assim seria professor mesmo, mas, além da História, gosto muito de duas outras coisas, principalmente. Uma é lógica, o que me levaria ao estudo e ensino de Filosofia. A outra é a palavra, o que me levaria a estudar e lecionar Português.